NO PULMÃO DO MUNDO

Uma travessia fluvial pela Amazônia percorre parques nacionais, sítios arqueológicos, comunidades ribeirinhas e saberes ancestrais que ajudam a dimensionar a maior floresta tropical do planeta

Texto e fotos **MARÍLIA KODIC**



JOSUÉ APONTOU PARA UMA ENORME tarântula bem em cima de onde eu iria dormir e disse: “Ela não vai sair daí, fica tranquila”. Antes de dar boa-noite, assegurou: “Sou guia de sobrevivência há 30 anos, pode dormir sossegada”. Foram quatro horas de avião, três de carro e cinco de barco para chegar até ali, no meio do nada. Ou no meio de tudo.

Em desacordo com os outros 12 integrantes da expedição, que decidiram que uma autêntica noite na selva podia ser dispensada, deitei na rede olhando para o breu, tentando distinguir entre os inúmeros estalos, pios e coaxos. Ao contrário do que imaginei, a selva noturna desconhece o silêncio. Lembrei das histórias que Josué, guia nativo e filho de seringueiro, havia contado, uma delas sobre um sapo mágico que, segundo a crença local, podia ser colocado dentro de uma caixa fechada e ainda assim encontraria um jeito de sair.

Não houve IA ou mecanismo de busca que achasse registro da lenda quando tentei descobrir mais sobre ela, já de volta ao caos urbano – um necessário lembrete de que nem tudo está ou deveria estar catalogado na nuvem. Viajar ainda é um dos exercícios mais eficazes para nos devolver ao mundo físico, onde a história oral prevalece e sons, texturas e sabores só revelam sua intensidade para quem está presente. A acidez do tapereba, o canto do uirapuru, o tom exato do verde profundo das copas ao entardecer não se deixam comprimir em dados.

Os cinco dias a bordo da Expedição Katerre – que faz parte do mesmo grupo do luxuoso hotel Mirante do Gavião – desvelaram uma Amazônia impossível de absorver por imagens. Imersa no Rio Negro, acompanhando um pássaro com os olhos por quilômetros enquanto tentava dar contorno ao horizonte, pude começar a sentir a enormidade da maior floresta tropical do planeta.

Com apenas oito cabines-suíte, todo em madeira de lei, o Jacaré-Açu faz navegações fluviais em parceria com as comunidades do Rio Negro e promove experiências genuinamente sustentáveis e de baixo impacto, reinvestindo parte do lucro em projetos educativos

Foram quatro horas de avião, três de carro e cinco de barco para *chegar* até ali, no meio do nada. Ou no *meio de tudo*







Acima, a floresta amazônica refletida no Rio Negro. Abaixo, área comum da embarcação e um filhote de crocodilo avistado durante um passeio



O Mirante do Gavião Amazon Lodge é local de partida e chegada das viagens fluviais da Expedição Katerre

e socioambientais, como a construção e a reforma de 23 escolas ribeirinhas. O percurso inclui visitas a comunidades como a de Morituba, onde é possível conhecer o artesanato indígena produzido com fibras, sementes e madeira.

Servindo como base para a expedição, o Mirante do Gavião Amazon Lodge tem 13 bangalôs espaçosos e dois mirantes, ocupando 30 mil metros quadrados em meio à floresta nativa. Os hóspedes desfrutam de spa, restaurante – que serve um belo café da manhã regional e um imperdível ceviche de tucunaré –, sala de jogos, piscina de borda infinita e o píer de onde saem as navegações.

Uma das paradas mais intrigantes do roteiro fluvial é a cidade fantasma de Airão Velho, fundada pelos jesuítas em 1694 e que teve seu auge no Ciclo da Borracha (1879-1912), quando surgiram o mercado central, o cemitério e os casarões coloniais cujas ruínas permanecem ali. O declínio da economia extrativista precipitou o abandono do vilarejo, mas a memória local é mais saborosa: conta-se que um padre impedido de entrar na cidade pelo mandatário português – cuja lápide é possível ver ainda hoje no cemitério – amaldiçoou o local, que logo teria sido tomado por uma praga de milhões de formigas-de-fogo que expulsaram os habitantes.

Perto dali, a história recua ainda mais: mais de 200 petroglifos, datados de mais de 2 mil anos, aparecem gravados nas formações rochosas. É improvável que Edvard Munch tenha visitado Airão Velho, mas, entre as formas abstratas e figuras humanas esculpidas nas pedras, vale notar que uma delas guarda desconcertante semelhança com seu célebre "O grito".

Refletida no espelho d'água, a floresta amazônica é o *narciso* que nunca morre

Enquanto as inscrições rupestres condensam milênios, o vizinho Parque Nacional do Jaú parece expandir a noção de tempo. A escala da floresta e a lentidão do deslocamento pelo rio embaralham a medida habitual das horas. Com mais de 2 milhões de hectares, o maior parque florestal de águas protegidas do mundo convida à observação paciente para que araras-canindés, papagaios-da-várzea e botos tucuxi se deixem avistar.

A imensidão se impõe também em terra firme, a exemplo da maior árvore da região: uma sumaúma de mais de 400 anos e 70 metros de altura. Com enormes raízes tabulares, ela é considerada sagrada por diferentes povos amazônicos, associada à ancestralidade e à proteção. Já no Rio Carabinani, é a água quem dita o calendário, com corredeiras e cachoeiras como a do Guariba, que chega a 3 metros de altura na seca e desaparece na cheia.

Quando a corrente repousa e se formam longos trechos de água lisa no Rio Negro, a selva repete seu desenho na superfície do rio, criando uma paisagem duplicada de si mesma. No extremo oposto da vida mediada por telas, é curioso ver nesse autorretrato das árvores uma forma primitiva e inocente da nossa obsessão pela própria imagem. Refletida no espelho d'água, a floresta amazônica é o narciso que nunca morre.

Abaixo da superfície também há segredos, entre eles as Grutas do Madadá, acessíveis após uma hora de trilha pela mata primária, no entorno do Parque Nacional de Anavilhanas, um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo. Esculpidos ao longo de 700 milhões de anos, os blocos de arenito em diferentes tons e formatos são entremeados pela vegetação e criam efeitos cambiantes de luz e sombra.

Quando aprendemos a perceber movimentos mínimos – na paisagem, mas também em nós mesmos –, o mundo parece recuperar nitidez. No centro energético da Terra, o ruído interno se aquieta e abre espaço para perceber (ou decidir) o que é essencial. Seja uma nova nuance de verde que se revela, um canto que já se mostra familiar ou a clareza súbita sobre aquilo que vale preservar. ■



No *centro energético* da Terra, o ruído interno se aquieta e abre espaço para perceber o *essencial*



A sumaúma é considerada sagrada por diversos povos amazônicos. Na foto, uma espécie de 400 anos